



MONÓLOGO DE UM PROFESSOR NEGROGAY SITUADO

Antonio José de Souza¹

¹Teólogo/Historiador. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). Mestre em Educação e Diversidade (UNEB). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (BA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: tonnysouza@gmail.com

Resumo: Trata-se de um estudo escrito por um interlocutor de primeira pessoa, que pensa alto. É o entrecruzamento das lembranças de uma história de vida com as experiências pessoais de um homem-professor interseccionado pela negritude, masculinidade e homossexualidade. O testemunho de um negrogay situado em uma família inter-racial de mulheres. Um instrumento de (auto)análise na docência e vivências escolares. É parte da tese de Doutorado, em construção, do autor – sob a orientação da Professora Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich.

Palavras-chave: Identidade negrogay, família inter-racial, docência, história de vida.

1. Notas de advertência

O que se seguirá é o entrecruzamento das lembranças do que foi vivido por mim. Fragmentos de uma história de vida entrelaçada com as experiências pessoais. O testemunho em vários desdobramentos narrativos essenciais à memória declarativa (RICOEUR, 2007). É, em definitivo, um instrumento de (auto)análise, confirmando-me enquanto um homem híbrido de um passado que eu não escolhi, mas que me constitui, e de um presente tão fugaz quanto, paradoxalmente, senhoril de mim por sua capacidade de apontar a contingência, o meu futuro, “[...] numa permanente corda bamba de escolhas e decisões [...] pesos e contrapesos da minha consciência.” (TREVISAN, 2017, p. 134). Eu tenho consciência do quanto é solitária a liturgia desse momento, por isto um monólogo pessoal é intrasferível. No entanto, nunca confundi pessoal com ensimesmado, concentrado, obstinado em se voltar para o interior ‘de si’ a ponto de compenetrar-se no esgotamento ‘em si’ mesmo. Esteja certo: quando eu olho para dentro de mim, encontro uma comunidade de pessoas familiares e amontoadas, e vivas, ainda que mortas, porque escrever – emaranhando palavras e vivências – ‘de si’ implica em *escrevivência*, isto é, na escrita ‘de nós’. À cata de mim, achei-me nos ‘outros’ (EVARISTO, 2017; TENÓRIO, 2020).



A inspiração para o neologismo *negrogay* veio da escritora Toni Morrison (1931-2019), quando ela escreveu “homembranco” no romance *Amada* (2011). Por consequência, é, aqui, uma categoria consubstanciada sob um único termo (*negrogay*); unificada por experiências estigmatizantes diferentes, seja pela abominação da “raça e linhagem” do ‘ser negro’ ou pelas desonráveis “paixões tirânicas”, “não naturais” do ‘ser gay’; no entanto, são experiências iguais quando subjugadas por sua condição ‘desacreditada’ e ‘desacreditável’ que marca, em particular, o corpo (GOFFMAN, 1975). O avizinhamento de tais termos corresponde à compreensão da pessoa com ambos os elementos identitários, unidos e agrupados de forma indissociável.

2. No princípio, a família

As primeiras lembranças que me vêm à mente estão fundamentalmente atreladas à minha família, uma comunidade estruturalmente insólita para os padrões e convenções sociais da minha terra natal, principalmente por sermos uma unidade doméstica disforme e numerosa em indivíduos “acidentalmente” aparentados e ligados entre si, coabitando sob um mesmo teto, amalgamados por três gerações de mulheres. Essa minha família-comunidade era “de cor”: nem preta, nem branca, todavia, matizada em cores cambiantes e alteráveis conforme o olhar do ‘outro’. Sem dúvida, uma família inter-racial com facetas mestiças, visto que era híbrida, fusão, contradição e conflito (CANCLINI, 2013). Quando criança, antes da idade escolar, minha rua era meu ‘mundo todo’. As montanhas, vistas da minha janela, eram muralhas íngremes com desníveis e picos fronteiros com o céu e, para mim, nada mais existia no além-fronteiras. Aquela ‘casa’ era o meu lugar no pequeno firmamento infantil. Minha família era, até então, livre de cláusulas subentendidas. Não havia meios de organizar-se em família mais ou menos satisfatórios. Contudo, hoje, depois dos muitos desfechos definitivos, existe, entre outras coisas, uma memória saudosa da família que tive, assombrada por lampejos de eventos ocorridos que demonstram a crença de que famílias pobres “[...] onde não há pai e avô, mas sim mãe e avó [têm-se] fábricas de desajustados [...]”¹ (REVISTA EXAME, 2018,

¹ Declaração feita, em 2018, pelo General Hamilton Mourão, na ocasião, candidato a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro.



online), pressupondo um modelo de família distante da realidade, entretanto, produzido, reproduzido e mantido por uma metáfora orgânica, na qual a família representa uma célula base da sociedade tão necessária para a alegoria do “sujeito de estirpe” (BOURDIEU, 1996).

Porém, para além dessa ‘terra natal’ – a família, onde se reconhece por identificação e sangue (PIERRON, 2009) –, tem-se os ‘outros outros’. E, naturalmente, o meu corpo foi, e permanece sendo, o instrumento do que sou: uma das minúcias factuais das quais não tive nenhum controle, afinal, eu fui circundado por meu corpo e situado e “preso” no aqui-agora de um mundo. Com o tempo, eu me perceberia não tendo um corpo, mas sendo o corpo, sabendo-me situado e circundante, isto é, a própria consciência do corpo invadindo o corpo (MERLEAU-PONTY, 1999). É o caso do meu nascimento, minha família e os limites de ser negrogay no-meio-do-mundo com um sistema de valores que, não tendo escolhido, reservou-me à resignação da liberdade, apenas, em situação (SARTRE, 1997). Em função disso, eu fui instruído sobre a ameaça própria da rua. Alertado a não falar com estranhos, a recusar coisas e convites aleatórios quanto insólitos. Sobressaltos me foram incutidos, mesmo morando em uma cidade pequena; dado que: “boa romaria faz quem em sua casa está em paz” – ditado antigo e pronunciado com insistência pelas matriarcas da família, confirmando a quimera disseminada da casa como aprazível e protetora e a rua como o lugar da violência em seu estado bruto e exposto (LINS, 1999).

A rua era meu lugar de liberdade supervisionada ininterruptamente. Anuência dada com horário marcado para voltar à casa. Enfim, premissas inquestionáveis. O fato é que, quando misturado às outras crianças, eu não tinha medo. Era mais uma de tantas, extravasando energia em gritos, pulos e correrias. No entanto, quando sozinho, andando de um lado para o outro, exercendo a função aporrinhante de menino-de-recado-ou-mandado-da-vizinhança (porque antigamente era assim), nessas circunstâncias, quase sempre tinha medo. Pois, mesmo se eu [me] “endireitasse”, esforçando-me de modo hercúleo para andar “corretamente”, aliás, “como homem”, acabava por andar entre requebres espontâneos e autênticos e, para os ‘outros’, inconcebíveis. Daí, “a rua”, também, passava a estigmatizar-me como o *viado* e equivalentes abjetos. O mesmo



aconteceu na escola, todavia, em um diapasão mais alto. Ali, minhas experiências de exclusão e negação foram radicais e drásticas. Andando pelos corredores, nas aulas de educação física, na fila da oração ou da merenda, eu conheci o êxito da mentalidade discriminatória, reservando-me o lugar inferiorizado, “[...] seja por ser filho de mãe solteira, [por ser bastardo,] por ser pobre, por meus trejeitos efeminados [...]”. A escola me ensinou as baixas classificações que eram a mim atribuídas, a partir de uma escala de desigualdades [...]” (SOUZA, 2018, p. 116). Refiro-me, aqui, a uma virulência sutil e diluída em ditos de mando, potência e jurisdição de determinadas docentes; como também a qualidade e estado virulento daquele colega de sala impetuoso – que por achar pouco rir e dizer coisas jocosas, esbofeteava, esmurrava e golpeava. Sim, reiteradas vezes, eu fui surrado na escola sob os não-ditos de quem deveria ocupar-se da minha tutela (no caso, as autoridades escolares). “Dessa forma, aprendi, como aluno, a repugnância por todas as formas de rejeição e descarte da dignidade humana e, assim, aprendi que ser professor é ser algo a mais.” (SOUZA, 2018, p. 116).

3. Sobre ser professor negrogay

Finalmente, sobre ser professor negrogay, têm-se alguns aspectos. Destaco dois: o primeiro refere-se ao processo de tornar-se professor, marcado pelo medo de ser surpreendido pela voz do escárnio e menosprezo, tal qual no passado, mas pronunciada no “agora”, através da boca de qualquer aluno. O segundo aspecto diz respeito à presença das culturas hegemônicas, em agravo àquelas que recebem uma atenção mambembe por parte do dirigente escolar. Sobre esse último, o pedagogo Jurjo Santomé (1995) ressalta as culturas e vozes das organizações sociais consideradas minoritárias e/ou marginalizadas que, por não disporem de mecanismos relevantes de poder, tendem a ser emudecidas, disciplinadas ou mesmo estereotipadas e descaracterizadas, minando suas possibilidades de resistência. Acerca dessas culturas ausentadas e historicamente impugnadas, o citado autor evidencia as seguintes: “[...] as etnias minoritárias ou sem poder. [...] As sexualidades lésbicas e homossexual. A classe trabalhadora e o mundo das pessoas pobres. O mundo rural [...]” (SANTOMÉ, 1995, p. 161-162).

Sem dúvida, esse mundo de interdições ocupou um lugar central na minha titubeante



singularidade. Assim, de uma maneira acautelada, a diversidade foi fazendo parte de mim ao passo que a percebia sendo parte do meu cotidiano escolar. Dessa forma, não foi mais suficiente que o meu ser docente negro gay tratasse a diversidade de modo pontual, aproveitando-me de uma data no calendário, como se aquele evento fosse uma “atração turística” que precisasse ser visitada circunstancialmente e do qual, volta e meia, eu trazia “*suvenires*” como se tivesse sido devidamente conhecida e aprofundada em toda a sua complexidade por meio de ações concretas (VALSINER, 2012; SOUZA, 2018). Afinal, já se sabe que práticas circunscritas e acanhadas não são suficientes para desfazer os padrões de homogeneização presentes no funcionamento escolar, responsáveis por tornar culturas negadas, silenciadas e submetidas aos velhos e retorcidos mecanismos sutis de aviltamento. As ações concretas a que me refiro dizem respeito às contribuições para o desenvolvimento da consciência coletiva dos alunos, motivando-os a empreenderem ações favoráveis à vida e à participação em suas comunidades. Nessa perspectiva, Santomé (1995, p. 159) é eloquente, ao dizer que a “[...] instituição escolar que trabalha nessa direção precisa colocar em ação projetos [...] nos quais o alunado se veja obrigado [...] a tomar decisões, solicitar a colaboração [...], a debater e criticar sem medo [...]”.

Envolta nessa historicidade, constituiu-se minha profissão docente e, conseqüentemente, a imbricação e implicação com os estudos acerca das identidades negrogays na relação com a docência, dado que, ainda tenho, em perspectiva, as memórias das ações (do que foi feito) e os seus respectivos efeitos (do que foi feito de mim). Portanto, vale destacar o fato de que – sob a tutela dos estudos sobre gênero, sexualidades e diversidades – o aluno, em sua maioria, vem recebendo o enfoque das pesquisas, enquanto o professor é, quase sempre, pormenorizado como um personagem despótico, propagador de violência e preconceito, tanto quanto mantenedor dos interesses hegemônicos (OLIVEIRA; BOTELHO; SANTOS, 2019). Posto isso, neste estudo, o professor é o sujeito central que, através do relato (auto)biográfico, permite um encontro, uma conversa, pois é história de vida rompendo com o silêncio de professores negrogays que, sendo parte dessa sociedade, às vezes, tão intimidadora, não permanecem incólumes às discriminações, às estereotípias e às condições sociais



impostas, uma vez que o “[...] enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar.” (COSTA, 1983, p. 6). Assim, o monólogo vai chegando às derradeiras palavras. Contudo, o “recinto” permanece “crivado” por sons e vozes pessoais, refletindo e revelando as coisas próprias ‘de si’.

Referências

- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Correa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana R. Lessa e Heloísa P. Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2013.
- COSTA, J. F. Da cor ao corpo: a violência do racismo. *In*: SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 1-16.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Tradução de Márcia B. de M. L. Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- LINS, D. **O dedo no olho**: micropolíticas do cotidiano. São Paulo: Annablume, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORRISON, T. **Amada**. Tradução de José R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- OLIVEIRA, I. M. de; BOTELHO, D. M.; SANTOS, A. C. dos. A solidão dos/as docentes homossexuais: narrativa e reflexão sobre o/a professor/a homossexual. *In*: PEREIRA, D. (Org.). **Sexualidade e relações de gênero 2**. Ponta Grossa/PR: Atena Editora, 2019, p. 108-116.
- PIERRON, J.-P. **Le climat família**: une poétique de la famille. Paris: Eds du Cerf, 2009.
- REVISTA EXAME. **Mourão diz que família sem pai ou avô é fábrica de elementos desajustados**. 17 set. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mourao-diz-que-familia-sem-pai-ou-avo-e-fabrica-de-elementos-desajustados/>. Acesso em: 23 out. 2019.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOMÉ, J. T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. *In*: SILVA, T. T. da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 159-177.
- SARTRE, J.-P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdígão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SOUZA, A. J. de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: CRV, 2018.
- TENÓRIO, J. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- TREVISAN, J. S. **Pai, Pai**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.
- VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundos da mente, mundos da vida. Tradução de Ana Cecília de S. Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.